

## **Capítulo IV**

### **Os professores portugueses: imagens e auto-imagens**

## **1. Introdução**

Depois de termos procurado, na primeira parte, deste estudo compreender o modo como se constróem as representações sociais, como se forma a identidade profissional e de termos abordado, particularmente, a problemática da profissão docente, apresentaremos, agora os resultados do estudo que fizemos junto de professores e de alunos, uns e outros pertencendo, em qualidades obviamente diversas, aos ensinos básico (2º e 3º ciclos) e secundário.

O nosso estudo cruza um tratamento qualitativo sobre respostas de 3090 alunos e de 334 professores a questões abertas, introduzidas em questionários a eles dirigidos, com um tratamento quantitativo das respostas de alunos e professores, como se explicitará melhor adiante.

Começaremos por referir a metodologia escolhida, explicitaremos os instrumentos de recolha de dados utilizados e as amostras a que se reporta o nosso estudo. Seguidamente apresentaremos os resultados que obtivemos sobre as imagens dos professores na perspectiva dos alunos, e dos pares bem como as auto-imagens dos professores. Finalmente, faremos o confronto entre imagens e auto-imagem dos professores, procurando retirar algumas conclusões.

## **2. A Metodologia Utilizada**

Como já referimos na introdução a este capítulo utilizamos uma metodologia qualitativa, para proceder à análise de conteúdo de respostas a perguntas abertas feitas a professores e alunos, e uma metodologia quantitativa usando testes de natureza descritiva e inferencial. Procurámos, assim, utilizar uma metodologia que pode “constituir uma base pertinente” (Abric, 2003:7) para a análise de representações sociais que é a da pluri metodologia. Utilizamos, ainda, três das formas de base da triangulação<sup>1</sup> – a dos dados, a teórica e a metodológica – uma vez que inquirimos professores e alunos, utilizámos diferentes teorias para interpretar os dados recolhidos e diferentes métodos e técnicas par estudar a imagem do profissional professor.

As perguntas abertas permitiram a expressão livre de opiniões sem qualquer limite introduzido pela formulação de respostas que apontam, apenas, para um leque restrito de hipóteses de resposta. Através destas perguntas queríamos saber:

quais as qualidades que os alunos identificam nos professores de que mais gostam

quais as características que ressaltam nos professores de que não gostam

o que é, para professores e alunos, um bom professor.

Nos dois primeiros casos, a análise de conteúdo que realizámos partiu de uma primeira “leitura flutuante” (Bardin, 1977: 96), que nos conduziu à criação de categorias de análise que foram depois adoptadas, também, para o estudo quantitativo e nos serviram de referência para perguntas (fechadas) que colocámos aos professores. No 3º caso – ser bom professor - a análise foi feita a partir de categorias pré-definidas inspiradas na tipologia de Abraham (1982), a que, nos referimos no capítulo anterior.

---

<sup>1</sup> A ideia de triangulação repousa, de acordo com Apostolidis (2003:14) “sobre um princípio de validação de resultados através da combinação de diferentes métodos visando verificar a exactidão e a estabilidade das observações”

As tendências dos dados obtidos através de testes de estatística descritiva, são apresentados, na maioria das situações, através de gráficos. Quando as respostas correspondem a graus de intensidade variável (de sempre a nunca, de todos a nenhuns, de concordo totalmente a discordo totalmente)<sup>2</sup> optámos, na apresentação dos gráficos, por não representar a situação intermédia<sup>3</sup> e por adicionar as posições acima e abaixo da posição média, no sentido de permitir uma leitura mais clara das diferenças.

Ainda relativamente a este tipo de questões, em alguns casos, que serão explicitados mais adiante, recorreremos à criação de indicadores agregados (cfr. Alves Pinto e Teixeira, 1995) antes de proceder a cruzamentos de variáveis para aplicação de testes de estatística inferencial.

A estatística inferencial, onde nos socorremos do teste do  $\chi^2$ , serviu-nos para estudar a ocorrência de variações significativas com as características dos respondentes, com particular destaque para o estudo, no caso dos professores, da variação com a idade, procurando encontrar respostas à problemática do ciclo de vida profissional, a que nos referimos no 3º capítulo desta dissertação e, sobretudo, para estabelecermos o confronto entre imagens e auto imagens dos professores, questão que norteou, amplamente, o nosso estudo.

### **3. Os Instrumentos de Recolha de Dados que utilizamos**

Ainda que tenhamos feito algumas entrevistas breves a professores e a membros de Conselhos Executivos para aferirmos a adesão à realidade portuguesa de algumas questões que nos foram surgindo da revisão de literatura que fizemos, o instrumento de recolha de dados que utilizamos foi o questionário, como já fica inferido do que anteriormente dissemos.

---

<sup>2</sup> Em todos estes casos usámos uma escala em cinco posições.

<sup>3</sup> Que se determina facilmente retirando de 100 a soma dos resultados dos extremos.

O desejo que tínhamos de fazer um estudo extensivo conduziu-nos na escolha deste tipo de instrumento que permite, por um lado, colocar todos os inquiridos na mesma situação e, por outro, é o único que nos possibilita a utilização de grandes amostras.

Do que fica dito não deve inferir-se qualquer presunção de termos conseguido captar a realidade total do sentir de alunos e professores sobre as questões colocadas. Como bem nos recordam múltiplos autores, a realidade não se pode apreender com rigor nem os estudos feitos, por maiores que sejam as amostras utilizadas, nos dão qualquer certeza; apontam, apenas, probabilidades.

### **3.1.1. Cuidados tidos com a construção dos questionários**

Procuramos nos questionários que elaboramos:

- formular os enunciados de forma neutra e misturar, sempre que se justificava, aspectos favoráveis com aspecto desfavoráveis para evitar influenciar os respondentes;
- usar uma linguagem simples e clara que facilitasse uma compreensão idêntica das questões formuladas;
- perguntar as mesmas coisas de modos diversos repetindo-as em diferentes questionários;
- usar perguntas abertas e fechadas, nomeadamente no questionário dirigido aos alunos e no I dirigido a professores
- obter dados pessoais que, em fase posterior, permitissem estabelecer relações entre as opiniões dos nossos respondentes e algumas das características do seu perfil, tais como o género, a idade e o ciclo de ensino.

### **3.1.2. O que quisemos saber através dos nossos questionários**

Apesar de sabermos que lidamos apenas com probabilidades e nunca com certezas e de não termos a presunção de captar a realidade total e o sentir dos professores e dos alunos sobre a imagem do profissional professor - procuramos apreender as representações que cada um destes grupos detém sobre os professores pelo que, como já referimos construímos três questionários – um dirigido aos alunos e dois dirigidos a professores.

Assim o primeiro inquérito que fizemos dirigiu-se a alunos, seguindo-se-lhe o primeiro inquérito a professores que leccionavam nas escolas em que os alunos tinham sido inquiridos e em que estavam já presentes questões colocadas aos alunos, havendo a intencionalidade de comparação posterior de respostas.

Esta intenção de comparação posterior de respostas resulta de uma questão que nos surgiu aquando da revisão de literatura e que se prende com o facto de Abraham, no estudo que realizou nos anos 70 junto de alunos e professores de Israel, que apresentámos sinteticamente no capítulo anterior, ter claramente apontado no sentido da existência de alguma consonância entre professores e alunos sobre um conjunto de aspectos da imagem do professor, esta ser, globalmente, mais positiva entre os professores do que entre os alunos. Assim o nosso estudo pretende delimitar a imagem que professores e alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário dizem ter do profissional professor, procurando verificar das convergências ou divergências de opiniões sobre determinados aspectos que se nos afiguraram particularmente pertinentes.

Interessava-nos, também, tentar compreender se as representações sociais persistem no tempo, fazendo assim jus ao que , entre outros, Abric, e Moliner dizem sobre a possibilidade de o núcleo central de uma representação se poder manter inalterável ou quase durante um

período de tempo alargado, verificando-se, apenas, alterações ao nível dos elementos periféricos.

Pareceu-nos relevante procurar saber se, para além de uma possível similitude temporal – será que alunos e professores que viveram nos anos 70 do século XX, comungam de alguma forma a imagem que alunos e professores do início do século XXI têm do profissional professor? - , existirá uma similitude internacional sobre a imagem do profissional professor- será que a imagem que alunos e professores em Israel têm do profissional professor é partilhada por alunos e professores portugueses?<sup>4</sup>.

No sentido, pois, de podermos dar resposta a estas questões que nos surgiram decidimos replicar, do inquérito realizado aos alunos, um conjunto de questões para os inquéritos aos professores que esperámos pudessem vir a confirmar ou a infirmar, pelo menos em parte, algumas destas questões.

Por forma a que este nosso desiderato possa ser compreendido procuraremos elucidar de seguida a forma como construímos os questionários e quais as correspondências que existem entre eles.

Começaremos por realçar que as questões 10 e 11 do 1º inquérito aos alunos foram formuladas como perguntas abertas, dando ampla latitude para que os alunos indicassem duas características positivas e duas características negativas associadas à imagem do professor que mais e menos tinham apreciado. Embora estas questões não se possam enquadrar numa técnica de associação pura<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Referimos aqui especificamente o estudo de Abraham por ser um estudo que engloba professores e alunos, Mas estas interrogações são válidas para os estudos realizados nos anos 40, nos Estados Unidos da América por Witty, nos anos 60, de novo nos Estados Unidos da América por Veldman e Peck, nos anos 70, em França por Felouzis e nos anos 90 , no Reino Unido por MacBeath, no que respeita aos alunos e por Torres em Portugal junto dos professores.

<sup>5</sup> , Como explicitam Flament e Rouquette (2003:58-59), ao ter-se estabelecido o critério “número (...) [e] constrangimento” realizou-se, não uma pura associação mas sim uma associação restrita em ambas as questões.

Ao construir as questões 10 e 11 do I e II questionários aos professores tivemos como base o tratamento dos dados recolhidos destas questões, - que nos permitiram construir duas grandes categorias - aspectos relacionais pessoais e aspectos do exercício profissional - cada uma das quais contendo os seis aspectos que mais frequentemente tinham sido referidos pelos alunos. Assim estas questões foram construídas respeitando rigorosamente as respostas dos alunos e foi solicitado aos professores que escolhessem por ordem de importância apenas duas hipóteses das doze apresentadas. Utilizámos, assim, o que para Flament e Rouquette constitui uma técnica particular das técnicas associativas – a da “associação forçada” (2003:60)<sup>6</sup> o que permite em seu entender recolher uma “população de respostas” que permitirão realizar um estudo estatístico que revelará indirectamente, a partir de determinadas características<sup>7</sup>, “a estrutura ou, de forma mais lata, o ‘estado’ da Representação Social estudada na população considerada” (ibid:61).

No que respeita à conjugação das respostas entre vários questionários, feitas as devidas adaptações de linguagem, os quadros seguintes explicitam as comparações estabelecidas.

---

<sup>6</sup> O autores descrevem esta técnica da associação forçada dizendo que ela consiste na apresentação ao sujeito de “um conjunto de termos, por exemplo doze, de entre os quais a resposta tem de ser escolhida ( ou as respostas no caso de ser uma associação contínua). O interesse desta variante é evidentemente o de controlar estritamente a população de respostas possíveis, tanto em número como em conteúdo” (Flament e Rouquette, 2003:60)

<sup>7</sup> Estas características são definidas pelos autores como a diversidade, o índice de dispersão, a sua entropia e a distribuição de lugar X frequência.

ENTRE OS ALUNOS E OS PROFESSORES DO I INQUÉRITO

<b>Aspectos considerados</b>	<b>Alunos</b>	<b>Professores I</b>
Práticas Pedagógicas	Questão 12	Questão 12
	Questão 14 B, C, E, G	Questão 15 B, C, E, G
Comunicação estabelecida na sala de aula	Questão 14 D, F	Questão 15 D, F
Autoridade exercida	Questão 14 A, H	Questão 15 A, H
Relação com os alunos em actividades não lectivas	Questão 17	Questão 19
Ser bom professor: perspectiva global (pergunta aberta)	Questão 18	Questão 20

ENTRE OS ALUNOS E OS PROFESSORES DOS DOIS INQUÉRITOS

<b>Aspectos considerados</b>	<b>Alunos</b>	<b>Professores I</b>	<b>Professores II</b>	
Comunicação	Questão 13	Questão 13	Questão 13	
Tipos de autoridade em questões de disciplina	Questão 15	Questão 14	Questão 10	
Relação com os alunos na sala de aula	Questão 16	Questão 16	Questão 12	
Ser bom professor	Qualidades dos professores de que os alunos gostam	Questão 10	Questão 10	Questão 9
	Características dos professores de que os alunos não gostam	Questão 11	Questão 11	Questão 11

NO INTERIOR DO I INQUÉRITO AOS PROFESSORES

<b>Aspectos considerados</b>	<b>Imagem dos colegas</b>	<b>Auto imagem</b>
Práticas Pedagógicas	Questão 12	Questão 17
	Questão 15 B, C, E, G	Questão 18 B, C, E, G
Comunicação estabelecida na sala de aula	Questão 15 D, F	Questão 18 D, F
Autoridade exercida	Questão 15 A, H	Questão 18 A, H
Relação com os alunos em actividades não lectivas	Questão 17	Questão 19

NO INTERIOR DO II INQUÉRITO AOS PROFESSORES

<b>Aspectos considerados</b>	<b>Imagem dos colegas</b>	<b>Auto imagem</b>
Cultura profissional e organizacional	Questões 16,17,20	Questões 14, 15, 18

No que se refere à perspectiva cultural, a formulação das perguntas não foi feita no sentido de comparar resultados questão a questão mas, apenas, de apreciar tendências gerais pelo que não há replicação de questões.

As diferentes tipologias de que nos servimos para cada aspecto considerado serão indicadas por ocasião da apresentação das respostas que lhes correspondem.

#### **4. As amostras sobre que trabalhamos**

Começaremos por explicitar o modo como construímos as nossas amostras para, de seguida, as descrevermos.

##### **4.1. A construção das nossas amostras**

A recolha de dados foi realizada do seguinte modo:

- dos alunos: entre os meses de Junho e Julho de 2004, em Escolas EB2, EB2+3, EB3 e Secundárias do Continente
- do I aos professores: entre os meses de Março e Junho de 2005 nas mesmas escolas em que o questionário dos alunos tinha sido distribuído
- do II dos professores : entre os meses de Junho e Outubro de 2006 em Escolas EB2, EB2+3, EB3 e Secundárias do Continente, não necessariamente coincidentes com as anteriores.

As escolas em que foram distribuídos os questionários tinham tipologias diversificadas (pequenas , médias e grandes, agrupadas ou não agrupadas) e foram seleccionados professores dos mais variados grupos disciplinares.

Os questionários foram distribuídos nas escolas por professores<sup>8</sup> a quem pedimos colaboração e a quem foram dadas as indicações necessárias para que não houvesse entorses na distribuição dos questionários

Apesar dos cuidados que tivemos e da dimensão significativa das amostras recolhidas não temos pretensões de que sejam representativas da população em estudo, até porque o custo da construção de tal tipo de amostras seria incomportável.

## **4.2. Caracterização das amostras**

Apresentaremos, de seguida, as características dos nossos respondentes.

### **4.2.1. A amostra relativa aos alunos**

Caracterizaremos a amostra dos alunos através da idade, do género, do ciclo que frequentam, do histórico escolar – que distinguirá os que nunca reprovaram e os que já ficaram algumas vez retido– e do nível de instrução familiar (NIF) – que se obtém através da majoração das habilitações do Pai e Mãe.

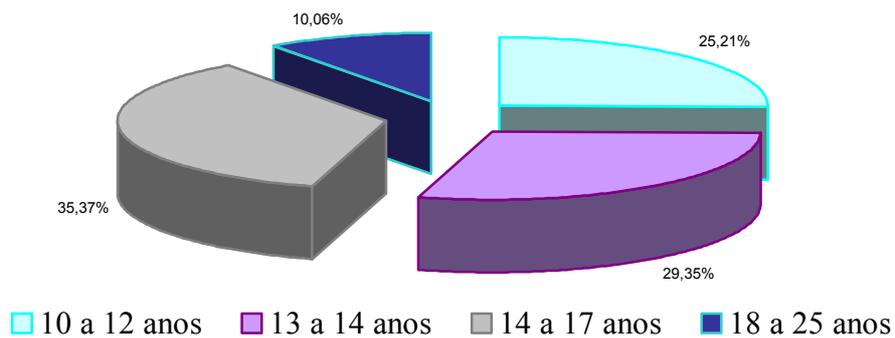
---

<sup>8</sup> Todos eles alunos ou ex-alunos do Instituto Superior de Educação e Trabalho – ISET – que tiveram nesta Instituição um percurso de formação relativamente longo e que tinham bem consciência da relevância que tem o modo como se constroem as amostras

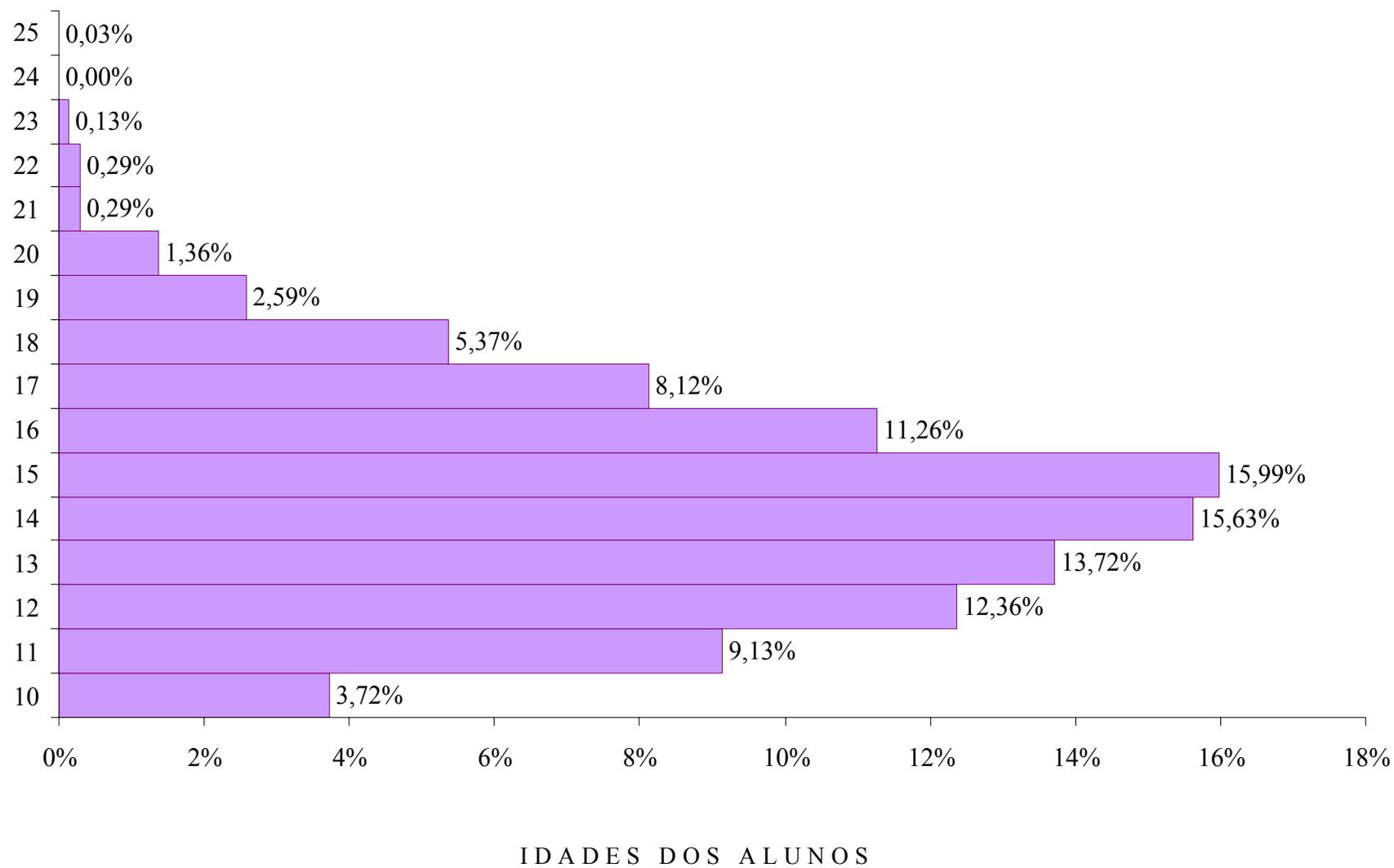
## Por Idades

Considerando os resultados agregados, de acordo com o modo como posteriormente trabalhamos, a distribuição é a seguinte:

	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
10 a 12 anos	779	25,21%
13 a 14 anos	907	29,35%
14 a 17 anos	1093	35,37%
18 a 25 anos	311	10,06%
<b>Total</b>	<b>3090</b>	<b>100,00%</b>



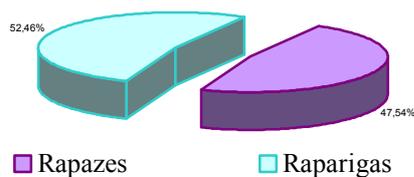
As idades totalmente discriminadas são apresentadas através do seguinte histograma



### Por género

A amostra dos alunos inquiridos é razoavelmente equilibrada com alguma preponderância de raparigas, como pode ver-se no quadro e gráfico seguintes:

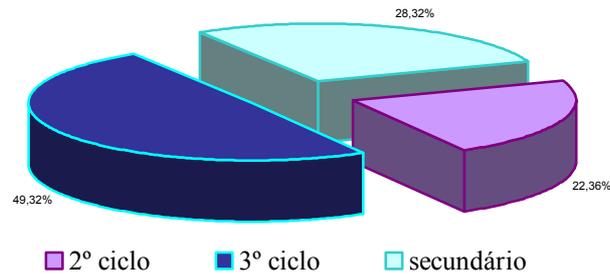
	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Rapazes	1467	47,54%
Raparigas	1619	52,46%
Totais	3086	100,00%



### Por ciclo de ensino

Tendo adicionado as respostas obtidas por ano de escolaridade nos respectivos ciclos de estudo obtivemos uma expressiva maioria de alunos do 3º ciclo, como pode ver-se no quadro e gráfico seguintes:

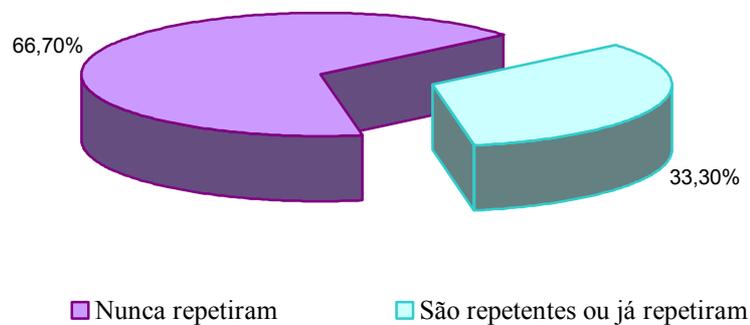
	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
2º ciclo	691	22,36%
3º ciclo	1524	49,32%
secundário	875	28,32%
total	3090	100,00%



### Por Histórico Escolar

Como os quadro e gráfico seguintes permitem verificar existe uma percentagem elevada de alunos que já reprovaram uma ou várias vezes, o que se poderia, de algum modo, inferir através da análise da distribuição por idades.

	Frequência	%
Nunca repetiram	2029	66,7%
São repetentes ou já repetiram	1014	33,3%
Totais	3088	100 %

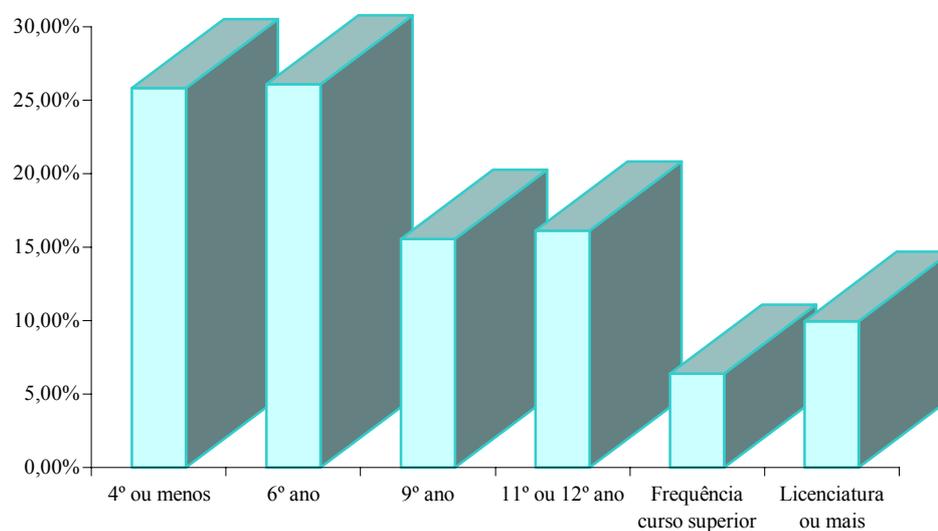


### Por nível de Instrução Familiar

Como o quadro seguinte permite verificar existe uma grande heterogeneidade de níveis de instrução familiar:

	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
4º ou menos	777	25,84%
6º ano	785	26,11%
9º ano	468	15,56%
11º ou 12º ano	485	16,13%
Frequência curso superior	192	6,39%
Licenciatura ou mais	300	9,98%
<b>Totais</b>	<b>3007</b>	<b>100,00%</b>

Não responderam - 83



#### 4.2.2. As amostras relativas aos professores

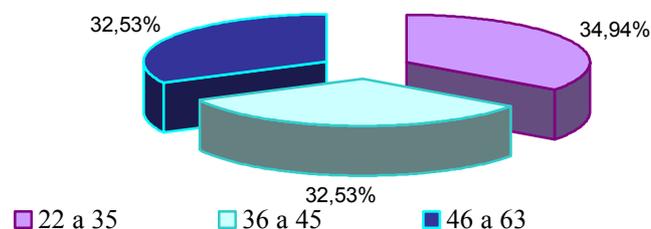
Ainda que tenhamos colocado nos questionários passados aos professores perguntas sobre múltiplos aspectos de identificação, descreveremos as amostras apenas segundo a idade, o género, o tempo de serviço e o ciclo leccionado.

##### 4.2.2.1.O I questionário dos professores

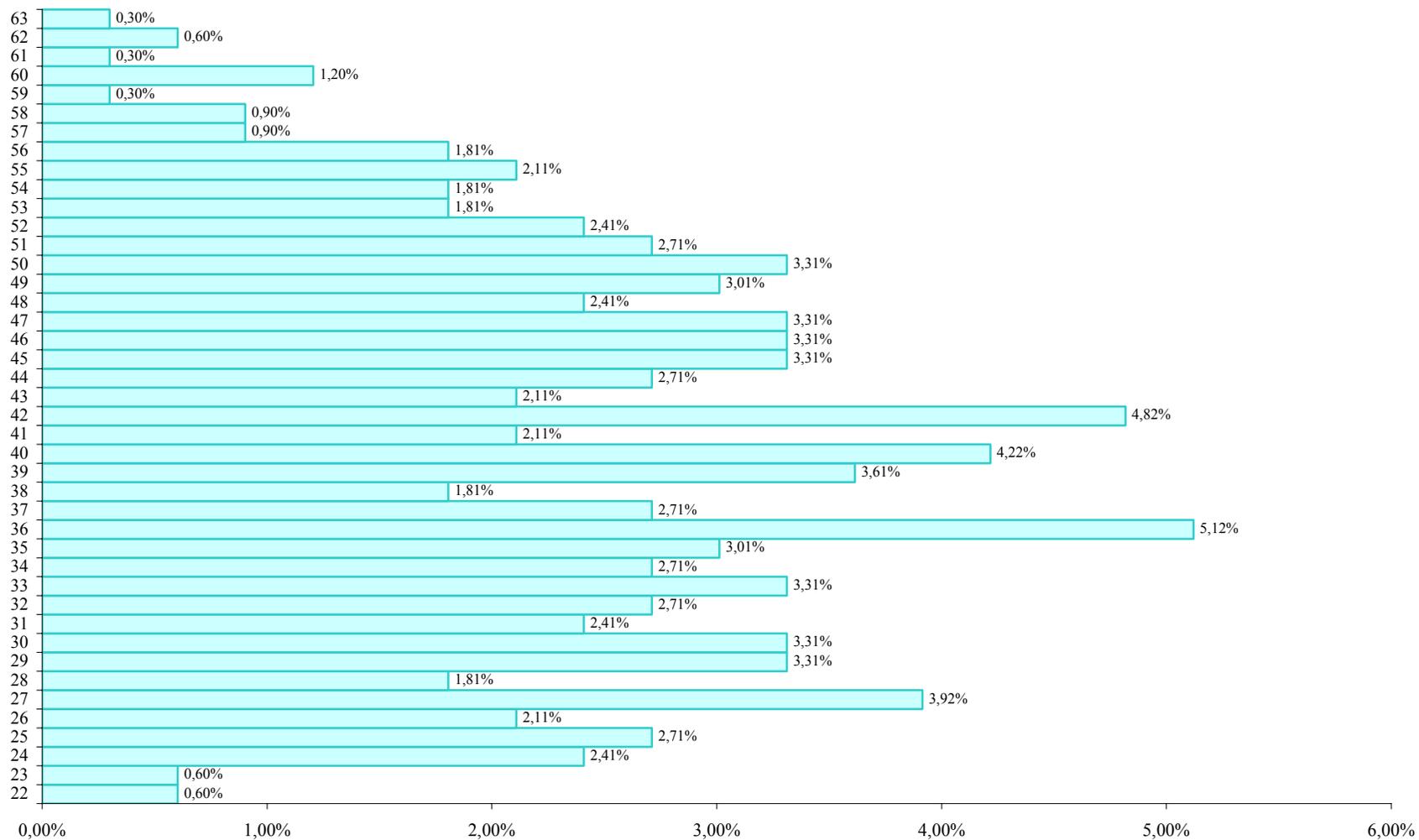
Por idade

**Como** o quadro seguinte permite verificar os nossos respondentes distribuem-se com bastante homogeneidade pelas faixas etárias consideradas:

	Frequência	%
22 a 35 anos	116	34,94
36 a 45 anos	108	32,53%
46 a 63 anos	108	32,53%
Total	332	100,00%



As idades totalmente discriminadas são apresentadas através do seguinte histograma

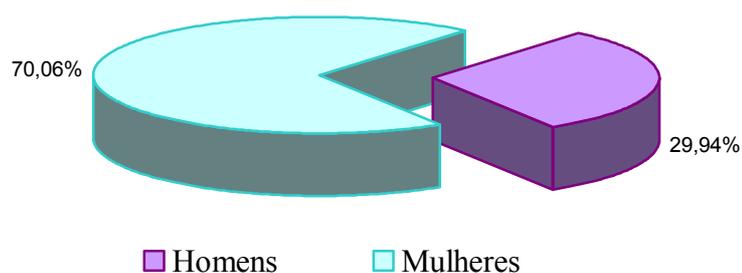


IDADES DOS PROFESSORES

### Por gênero

Como era esperável, dada a composição do corpo docente existe uma grande maioria de mulheres:

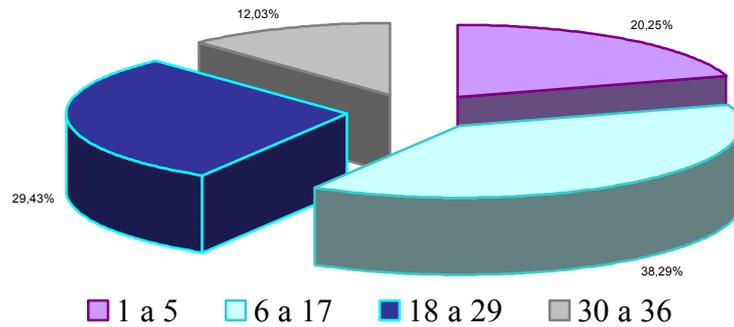
	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Homens	100	29,94%
Mulheres	234	70,06%
Totais	334	100,00%



### Por tempo de serviço

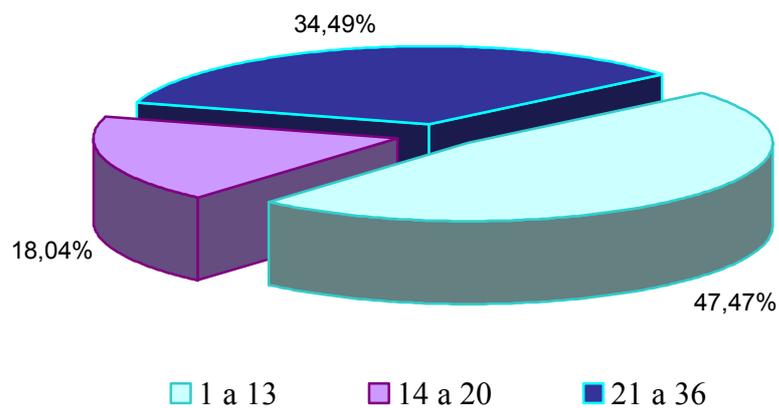
Considerando os resultados agregados de acordo com os intervalos definidos por Huberman os resultados são os seguintes

	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
1 a 5 anos	64	20,25%
6 a 17 anos	121	38,29%
18 a 29 anos	93	29,43%
30 a 36 anos	42	12,03%
Total	316	100,00%



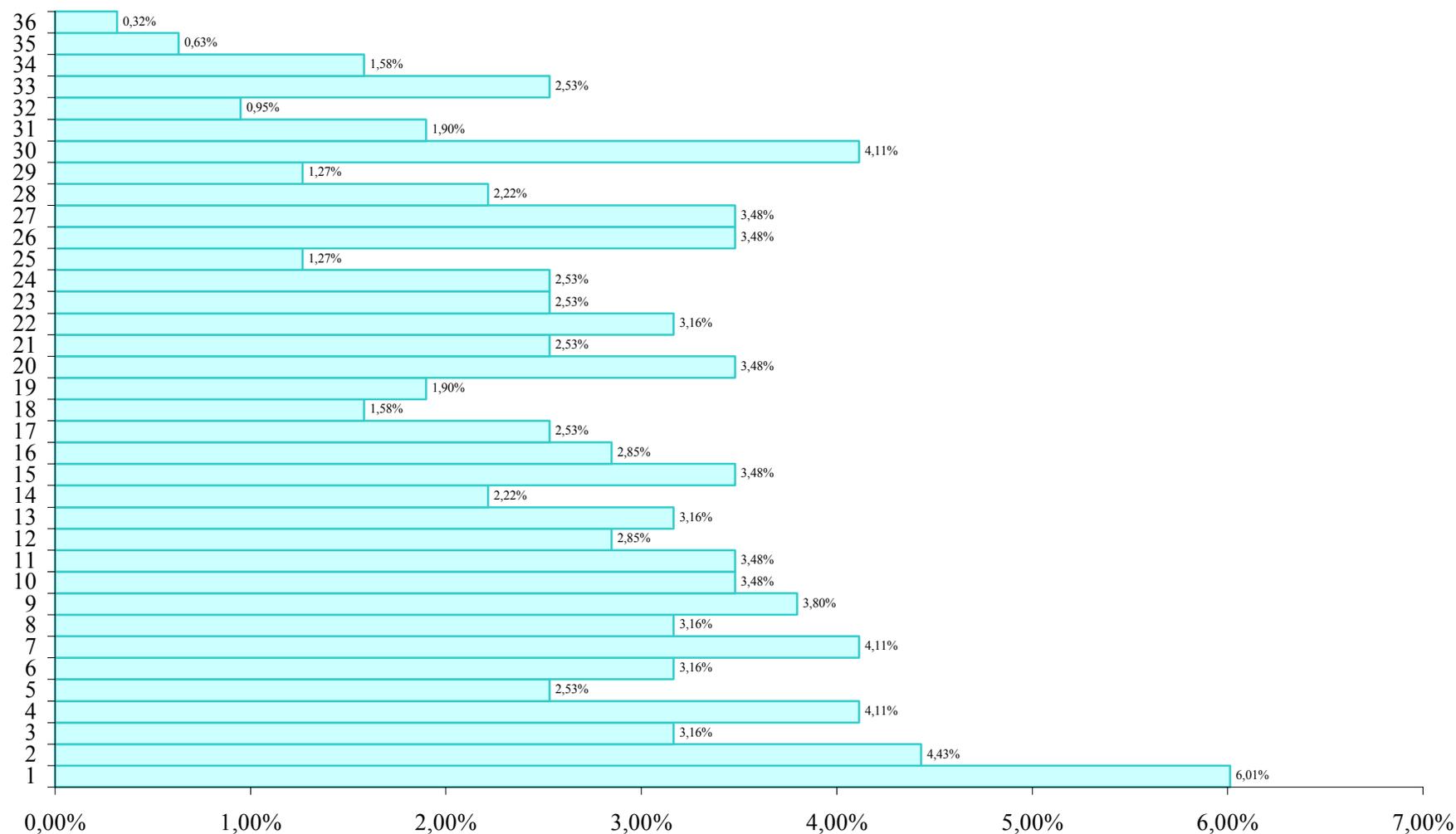
Considerando os resultados agregados de acordo com os intervalos definidos por Teixeira os resultados são os seguintes:

	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
1 a 13 anos	150	47,47%
14 a 20 anos	57	18,04%
21 a 36 anos	109	34,49%
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>





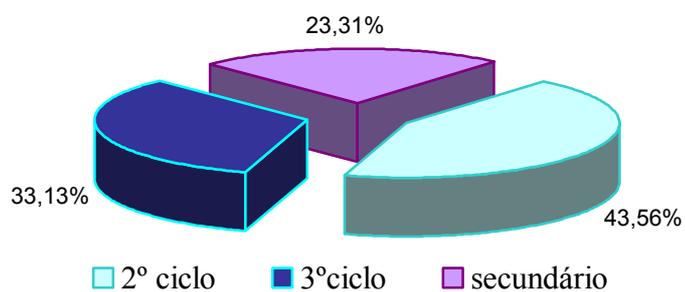
O tempo de serviço totalmente discriminado é apresentado através do seguinte histograma



TEMPO DE SERVIÇO DOS PROFESSORES

Por sector de ensino

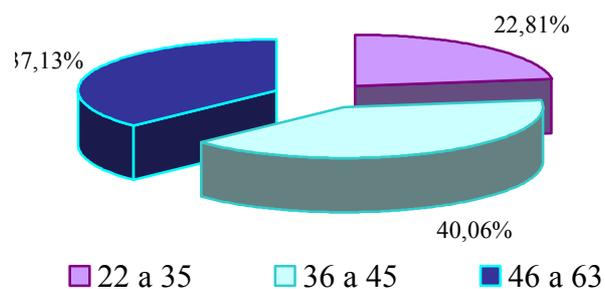
	Frequência	%
2º ciclo	142	43,56%
3º ciclo	108	33,13%
secundário	76	23,31%
total	326	100,00%



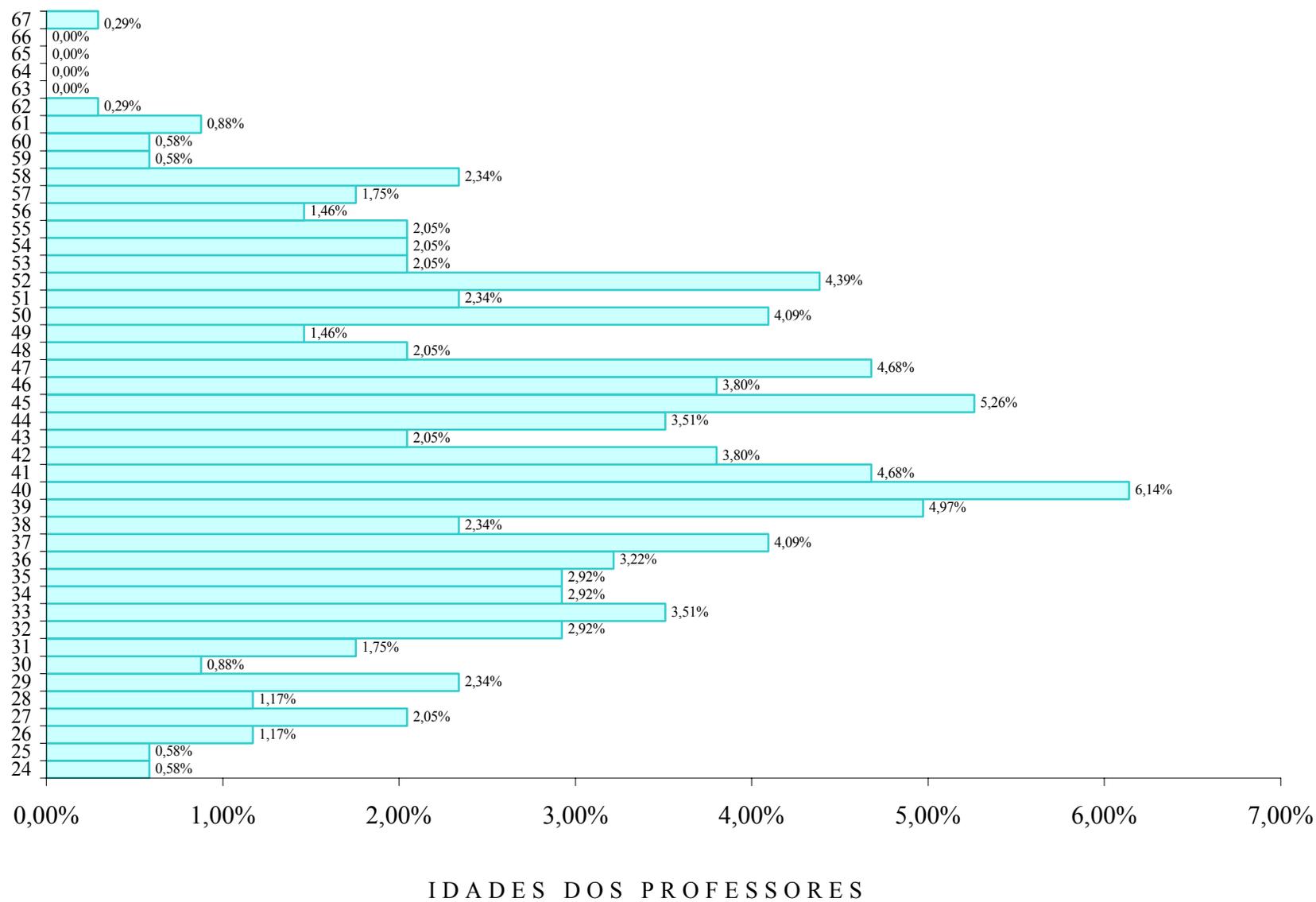
#### 4.2.2.2. O II questionário dos professores

Por idade

	Frequência	%
22 a 35 anos	78	22,81%
36 a 45 anos	137	40,06%
46 a 63 anos	127	37,13%
Total	342	100,00%

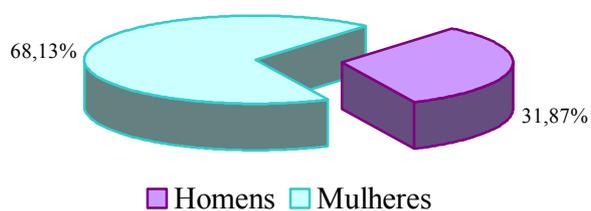


As idades totalmente discriminadas são apresentadas através do seguinte histograma



## Por género

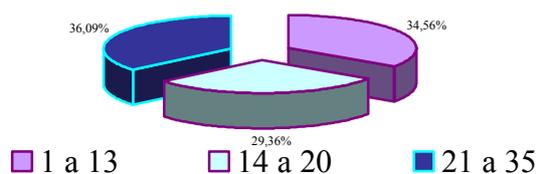
	Frequência	%
Homens	109	31,87%
Mulheres	233	68,13%
Totais	342	100,00%



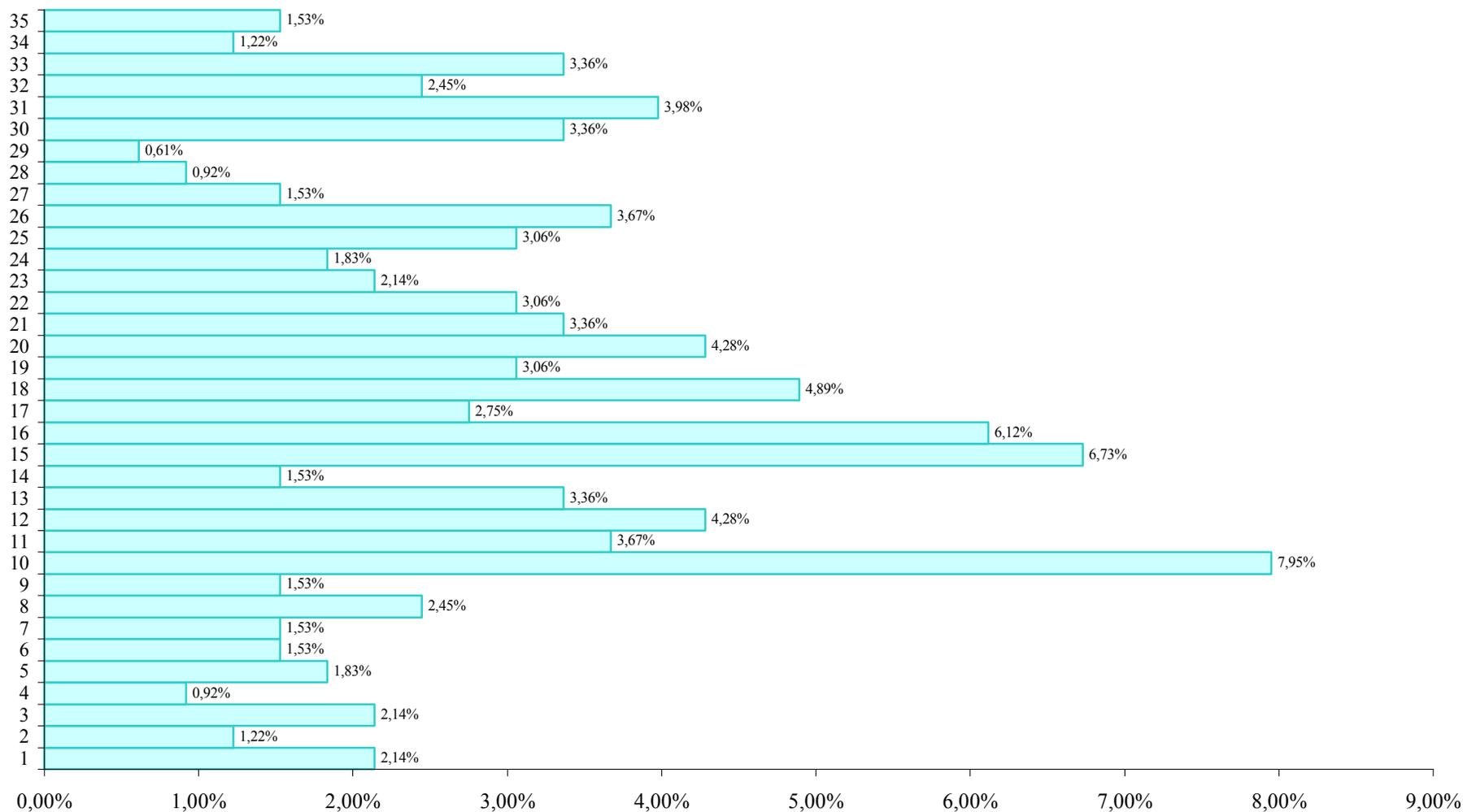
## Por tempo de serviço

Considerando os resultados agregados os resultados são os seguintes

	Frequência	%
1 a 13 anos	113	34,56%
14 a 20 anos	96	29,36%
21 a 35 anos	118	36,09%
Total	327	100,00%



O tempo de serviço totalmente discriminado é apresentado através do seguinte histograma



TEMPO DE SERVIÇO DOS PROFESSORES

Por sector de ensino

	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
2º ciclo	88	26,11%
3º ciclo	109	32,34%
secundário	140	41,54%
total	337	100,00%

